

CONCLUSÃO

No início deste trabalho apresentamos como este tema sempre esteve presente em nosso cotidiano, buscando relacionar o “menino de rua” da nossa infância e o nosso espaço para brincadeiras e convivência, ou seja, a rua. Hoje, esta mesma rua apresenta-nos um cenário desolador, com praças mal cuidadas e muitas vezes um local perfeito para a ação de ladrões, tráfico e consumo de drogas, local de residência de famílias inteiras e, também para o comércio informal. Enfim, a magia e o romantismo daquele espaço se perdeu para um cenário onde imperam a miséria, a pobreza e a violência. Põe à mostra uma realidade cruel de desemprego, de falta de moradia e do medo das pessoas em andar livremente pelos espaços públicos da rua.

Com isso, crianças e adolescentes perderam elementos essenciais para o seu crescimento e desenvolvimento sadios. Não é possível brincar tranqüilamente na praça, nem no campo de futebol, ou na calçada. A maioria está trancafiada em suas casas de muros altos e com grades nas janelas, condomínios fechados e extremamente policiados. Não existe espaço para correr e brincar livremente, a brincadeira tem hora e dia marcados. A agenda semanal da criança e do adolescente de classes privilegiadas é repleta de atividades como a escola, a aula de dança, de música, de lutas marciais, de esportes, de redação, entre outras.

Por outro lado, a criança pobre cuja família está se desestruturando mediante as dificuldades financeiras, que não tem dinheiro para alimentar seus filhos, tem a praça ou a rua como um lugar muitas vezes mais viável para se

viver, longe dos problemas, dos desentendimentos, da violência doméstica e violação dos seus direitos, embora tenham que se sujeitar à lei da rua. Ali estão mais próximos da possibilidade de conseguir algum dinheiro e também da fantasia de consumo.

Nesse sentido, muitas vezes a criança e o adolescente optam pela rua porque ela representa, num determinado momento, tudo o que nunca tiveram, não só a liberdade mas também o acesso quase que direto aos benefícios da cidade. A criança e o adolescente vem para a rua, geralmente atraídos pela novidade, pelo diferente e querendo descobrir alguma coisa no centro da cidade que não tem no bairro dela. Outros vêm com intenção de ganhar dinheiro vigiando carros, ajudando nas feiras, vendendo algum produto nos semáforos, ou simplesmente pedindo esmolas porque sua família passa necessidades. Em ambos os casos, essa busca de estar satisfazendo uma curiosidade, uma fantasia ou por estar tentando garantir algum dinheiro, começa muitas vezes o envolvimento com o lado ilícito da rua, fazendo uso de drogas e participando de pequenos furtos.

Assim, a rua começa a oferecer aos meninos e meninas seu outro lado, onde existe o preconceito da sociedade, as perseguições de adultos delinqüentes, as pressões da polícia, destruindo o sonho e a ilusão de que a rua é um espaço sem normas, regras e de liberdade plena. Quando percebem esta situação já se encontram envolvidos de tal forma com este outro lado da rua, que para estes meninos e meninas o retorno pode parecer muitas vezes impossível. No entanto, embora possam se sentir capazes de enfrentar situações adversas, que podem surgir no dia a dia da rua, como por exemplo ao abordar uma possível

vítima de assalto, enfrentar os colegas do grupo, correr da polícia, demonstram, na realidade, sua fragilidade psicológica e emocional levando-os a tratar as pessoas à sua volta com a mesma violência que são tratados.

Ainda entendemos ser atual a afirmação de SOUZA NETO (1993) que, o fato de existir crianças e adolescentes vivendo nas ruas configura a manifestação mais explícita e perversa da incompetência da sociedade brasileira em promover desenvolvimento econômico, distribuição de renda, igualdade de oportunidades, políticas públicas básicas efetivas e direitos humanos garantidos. Isto traz o caráter de exclusão, marginalização e abandono de centenas de milhares de crianças brasileiras forçadas a transpor os limites das precárias condições de vida buscando, nas ruas, alternativas desesperadas para garantir a sobrevivência.

Assim, retomarmos estes pontos abordados desde o início do trabalho é importante pois nos permitem compreender o contexto em que esta pesquisa ocorreu, a trajetória percorrida entre avanços e alguns momentos de dificuldades. Mesmo assim, percebemos que nossa pesquisa atingiu os objetivos a que se propôs desenvolver, isto é, foi possível conhecer, identificar e analisar, sob a ótica de um grupo de adolescentes que tiveram experiência de vida nas ruas da cidade de Goiânia – Goiás e que encontravam-se em um abrigo estatal, as representações sociais e as relações que se estabelecem entre os meninos em situação de rua e entre estes com a instituição que os abriga e suas famílias. Da mesma maneira o que encontramos em nosso estudo ofereceu-nos elementos para responder às nossas questões e pressupostos uma vez que estes têm relação direta com os objetivos.

Portanto, foi possível conhecer e analisar as representações sociais através das categorias empíricas que emergiram das falas dos sujeitos, isto é, “curtição”, “a gente não tem”, “humilhação” e “lei do cano”. Esta análise permitiu compreendermos que as representações sociais que se apresentaram são contraditória pois, ao mesmo tempo que para o menino a rua é um espaço de liberdade, descompromisso, e diversão, neste local também estão sujeitos à privação de direitos, à humilhação e à violência.

Ainda assim os meninos procuram a rua para viver em detrimento do convívio com suas famílias ou de sua permanência nos abrigos pois a rua, oferece a eles elementos atrativos importantes, principalmente a droga que ajuda a minimizar a frustração, a angústia, o medo tornando-os mais capazes e proporcionando a coragem necessária, mesmo que fictícia, para enfrentar os desafios que a vida na rua impõe. De acordo com os meninos a rua tem drogas, tem diversão com os colegas, tem liberdade para fazerem o que bem entenderem mas, também tem violência física e psicológica, o preço cobrado por esta “liberdade”.

No tocante ao nosso pressuposto de que a representações sociais da rua pelo menino estão associadas à facilidade de acesso a bens de consumo materiais e por aspectos abstratos como a liberdade e diversão, foi possível apreendermos que ambos estão presentes mas a expectativa pela liberdade, pela diversão ou por levar uma vida sem compromissos se sobressai. Isto não significa que um aspecto elimina o outro. A aquisição dos objetos concretos, tais como calçados ou roupas têm um preço que nem sempre conseguem pagar por meios socialmente aceitos. A solução muitas vezes está no envolvimento em atividades

ilícitas seja de modo isolado, em grupo ou sob comando de adultos. Até que chega o momento quando, alguns deles, percebem que estão sendo vitimados pela pressões de adultos delinqüentes violentos, pela polícia, pela sociedade e pelos próprios colegas e procuram por uma instituição que os acolha.

O abrigo é um espaço de muitos conflitos para o menino visto que ainda possui vínculos com outros meninos que ficaram na rua e a falta de atividades pedagógicas sistematizadas no sentido oferecer condições para mantê-los fora da rua através de um trabalho que tenha como proposta a reintegração, o resgate da cidadania e inclusive que contemple ações voltadas para o processo de desintoxicação. Dessa maneira o processo de desligamento da rua torna-se uma luta pessoal do menino que se não tiver estrutura psicológica e emocional e o suporte dos educadores, o retorno à rua é certo.

Enfim, neste contexto acontecem as relações entre os meninos que se manifestam através de um misto de solidariedade, cumplicidade, sentimento de medo, aversão, desconfiança. Com a família, a maioria deles mantém relações distantes, os vínculos estão enfraquecidos e, embora vivenciam uma situação de abandono e descaso, existe um desejo latente por parte dos meninos em ter uma família seja para cuidar como para sentirem-se amparados.

Nesse sentido a Casa Abrigo e os educadores representam para os meninos o seu lar e a sua família sendo que a convivência, através de regras e normas pré estabelecidas, propicia um movimento de ajustamento e reintegração. Muitas vezes, ainda que existam momentos de desavenças entre os meninos e os educadores, de um modo geral convivem na base do respeito mútuo, cordialidade

e amizade, o que propicia um ambiente saudável, de dignidade, de estímulo à autoconfiança, autoestima e nas potencialidades de cada um dos meninos.

Através destas reflexões fica um pouco mais claro o sentido que atribuímos ao título deste trabalho, isto é, olhar a lua pelo mundo da rua traz, em síntese, as representações da rua pelo menino com experiência de vida neste espaço. Olhando a lua pelo mundo da rua, na verdade, é reflexo de todas as categorias onde, a lua representa o sonho, o desejo e a fantasia e, a rua, a realidade concreta de uma liberdade mascarada na forma de abandono e violência. Portanto percebemos que as representações sociais que o menino trouxe é basicamente esta contradição da lua como o sonho e da rua como a realidade dura e, por mais que já tenhamos discutido a esse respeito, identificamos nesse aspecto a maior contribuição desse estudo no sentido de trazer para a Enfermagem, a discussão desta complexa questão.

Em outras palavras, o significado da lua também passa pela esperança que o menino tem na rua enquanto um lugar que pode lhe salvar da miséria e das precárias condições de vida. Todos têm uma história de vida que explica a vinda para a rua. Nenhum dos sujeitos deste estudo foi para a rua por livre e espontânea vontade pois a dura realidade de vida de cada um vem mostrar que as relações na família por mais frágeis que possam ser são a única maneira que existe de se conter esta situação. Para estes meninos a rua encerra uma grande contradição da esperança que finda como desesperança. Ela é e não é. Ele espera dela a curtição mas encontra a lei do cano e este é o seu jeito de “olhar” para a rua.

Em relação ao caminho metodológico que adotamos, este mostrou-se adequado às nossas necessidades, permitindo-nos um olhar cuidadoso para as questões que nos inquietavam. A utilização de fotografias enquanto instrumento complementar na coleta de dados em pesquisa qualitativa confirmou nossa expectativa, no sentido de facilitar a identificação das contradições existentes nas falas dos atores em estudo, isto é, funciona como um contraponto. Dessa maneira, embora a essência das falas dos meninos seja a violência, conforme pudemos abstrair das entrevistas, as fotografias mostraram que, para eles, o importante é o trivial, o fugaz da rua, isto é, a diversão encontrada no uso de drogas, correr da polícia, “surfar” no ônibus, ter liberdade entre outras.

Ante o exposto vislumbramos que, no processo de construção desta pesquisa, obtivemos as respostas às nossas questões ainda que limitadas ao nosso campo de compreensão enquanto enfermeiros de Saúde Pública, uma vez que muitos conceitos da sociologia e antropologia foram necessários para focalizar nosso objeto de estudo. Acreditamos, no entanto, que conseguimos com esta pesquisa uma aproximação maior com a temática no sentido de aclarar determinados aspectos importantes para uma atuação pela Enfermagem mais eficaz junto a esta clientela e contribuir para a compreensão do fenômeno “meninos de rua”.

Como dissemos anteriormente, o enfermeiro conhecendo melhor as características desse grupo e tendo mais clara a dimensão do mundo em que vive, certamente prestará uma assistência mais efetiva. Para tanto, conferindo um acompanhamento apropriado da situação de saúde destes meninos e meninas através de atividades de educação em saúde na prevenção de doenças,

uso/abuso de drogas, será possível uma intervenção no processo saúde doença, e contribuir para a melhoria da qualidade de vida e na promoção da saúde integral das crianças e dos adolescentes em situação de rua.